

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



PORTUGAL

VOLUME 28, 2007

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

UM OLHAR SOBRE A LUSITÂNIA PORTUGAL VISTO DE ESPANHA

A imagem de Portugal em Espanha está obviamente afectada pelo facto de se tratar de um país vizinho, com uma ampla fronteira comum (raras vezes sustentada e justificada por relevantes acidentes geográficos), e também pela evolução histórica da Península Ibérica, que, ao longo dos tempos, conheceu épocas de unidade política e outras de uma diversidade administrativa superior à actual.

Não podemos esquecer que, durante séculos, se confrontaram na Península pós-muçulmana duas noções antagónicas de Espanha (Hispania): aquela que entendia esse território como uma soma de povos e nações irmãos, mas com identidades muito definidas, e aquela que buscava restaurar a unidade política que existira durante a época romana ou na monarquia visigótica. Os próprios monarcas lusos acalentaram, por diversas vezes, sonhos de hegemonia portuguesa numa Espanha reunificada, antes do triunfo pleno da opção independentista que obrigou o país a fixar-se prioritariamente nos factores históricos, geográficos e políticos que individualizavam o extremo ocidente peninsular.

Por outro lado, ainda hoje subsistem em Espanha nacionalismos internos, como o Basco, o Catalão ou o Galego, com variáveis graus de conflitualidade, que interferem igualmente na visão de Portugal, dificultando a tarefa de transmitir uma perspectiva unitária ou uniforme. Estas reservas não me levam a substituir o conceito de Espanhol pelo

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

de Castelhana, porque tão espanhol se sente e se considera um andaluz ou um extremeño, por exemplo, como um natural de Madrid ou de Segóvia (ainda que não se possa dizer o mesmo das populações nativas das nacionalidades históricas). Mantenho, portanto, o objectivo de caracterizar a visão que os espanhóis têm dos portugueses e de Portugal, excluindo apenas aqueles que, por opção ideológica, colocam reservas à sua própria identificação com a nacionalidade espanhola, e que têm por isso, geralmente, uma relação diferente com o nosso país.

Não admira, neste contexto, que uma das imagens mais entranhadas de Portugal (ou melhor, do português) no país vizinho seja a do irmão desavindo, a que muitas vezes se associa a ideia de uma irreprimível vaidade (pessoal e nacional), que facilmente se transforma em arrogância caricata. No entanto, esta ideia de que os portugueses são - em primeiro lugar, ou apesar de tudo - um rebento da cepa hispânica pode ser valorizada ou menosprezada de acordo com a conjuntura histórica. Uma imagem diferente e antagónica da do português emproado e fanfarrão é a do português visto como excessivamente (ou apaixonadamente) sentimental, da qual derivou a visão trágica de Portugal como país de suicidas, popularizada com a publicação do livro de Unamuno *Por tierras de Portugal y España*.

O romancista Juan Valera, que exerceu por três vezes funções diplomáticas em Portugal, a última das quais, como ministro plenipotenciário, entre 1881 e 1883, parece ser um excelente ponto de partida. Defensor, como quase toda a sua geração, de uma reunificação peninsular, Valera reflecte na sua obra, incluindo a correspondência pessoal que conhecemos, tanto o sentimento de fraternidade face a Portugal como o desânimo por reconhecer que o seu desejo não chegaria quase seguramente a bom porto.

Andaluz de nascimento, nascido em Cabra (Córdova), é um exemplo claro de um escritor plenamente espanhol, revelando, por isso mesmo, uma completa incapacidade para compreender o nacionalismo catalão ou mesmo a necessidade de alguns poetas e romancistas catalães insistirem em escrever na sua língua materna, como se pode comprovar na sua correspondência com Menéndez Pelayo⁽¹⁾. Compreende, no entanto,

⁽¹⁾Numa carta de 3 de Agosto de 1887, por exemplo, faz referência ao "absurdo *catalanismo* que nos ha salido ahora, para que nada nos falte" (in Marcelino Menéndez Pelayo, *Epistolario*, vol. VIII, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1985, p. 478).

que os portugueses o façam (isto é, que usem a sua língua) e inclusive reconhece que a história e a cultura portuguesas constituem um poderoso obstáculo a uma reunificação que lhe parece ser benéfica para ambas as partes, mas que deve ser realizada através de uma progressiva aproximação. Por isso mesmo, o seu extenso artigo "España y Portugal", constituído por uma sequência de nove textos, publicados em 1861, em *El Contemporáneo* (muito antes da fase crítica da sua relação com Portugal), foi fundamentalmente uma resposta ao livro *La fusión ibérica*, de Pío Gullón, que desrespeitava por completo a cultura portuguesa e não punha de parte uma anexação pela força⁽²⁾. Outro momento importante nas relações do autor de *Pepita Jiménez* com o nosso país foi a publicação da sua recensão da *História da Civilização Ibérica* de Oliveira Martins, que lhe dedicara a 3.^a edição desse livro.

As cartas enviadas de Lisboa por Valera, durante a sua terceira estadia, sobretudo ao já mencionado Menéndez Pelayo, não põem em causa o apreço que sente pela actividade intelectual dos portugueses (que trabalham e produzem muito, como reconhece, embora se inquiete com o radicalismo positivista que julga ser predominante em Portugal). O que mais o aborrece são os tais defeitos relacionados com a arrogância nacional, que já haviam notado, como veremos, os escritores de épocas anteriores. E se nos anos 50 a sua fé iberista se fortalecera com as energias favoráveis que vira brotar de algumas notáveis figuras da intelectualidade lusa, nos anos 80 tudo mudara, havendo mesmo alguns amigos do passado, como Latino Coelho, que agora o evitavam, apesar do seu estatuto diplomático e do seu enorme prestígio como escritor. Leia-se, por exemplo, este excerto de uma carta a Menéndez Pelayo, escrita em 19 de Julho de 1881: "Cada día estoy más desencantado del iberismo y, sobre todo, de los portugueses. Me parece profundo este

⁽²⁾A síntese do pensamento de Valera sobre a questão encontra-se vertida neste excerto do artigo: "Portugal, pues, como ya hemos dicho, es una nación, y su historia y su literatura, independientes y grandes, le dan todo el carácter y las condiciones de serlo. No son los portugueses una fracción de nuestra nacionalidad, que ha constituido un Estado aparte, sino que son una nación gloriosa y distinta, como lo fueron la aragonesa y la escocesa. Pero esto no se opone a la posibilidad ni a la realización de la unidad pacífica de ambos reinos, en un futuro más o menos remoto" (Juan Valera, *Obras completas*, tomo III, 3.^a ed., Madrid, Aguilar, 1958, p. 683).

dicho de Tamayo: 'No quiero a Portugal si no me le dan despoblado'/(3). Dez dias depois ainda consegue ser mais expressivo: "Esto es bello como país y delicioso como clima; pero, ¡que gente, Dios mío, qué gente! El mejor de los portugueses es una caricatura de un español de igual clase, con algo de odioso además, porque hay en su amor a su autonomía nacional algo que hace el efecto de infidelidad a la casta, que es peor que infidelidad a la patria."/4).

No en tanto, se lermos toda a correspondência valeriana desses anos, não é difícil constatar que as missivas mais cruéis são justamente as de 1881, e espelham fielmente a frustração e a incredulidade do autor de *Juanita la Larga* ao aperceber-se da alteração mental dos portugueses relativamente à união ibérica. Com o passar dos meses, o seu ânimo foi notoriamente serenando e Juan Valera chegou mesmo a fazer planos para escrever anonimamente sobre a literatura portuguesa^{3 4}(5).

Já liberto dos compromissos diplomáticos com Portugal, não viu problemas em incluir nos seus *Cuentos y chascarrillos andaluces*, publicados em 1896, algumas anedotas em que caricatura a petulância nacional dos portugueses. Num *chiste* aí recolhido, Juan Valera conta que um português, desembarcando enjoado no cais de Cádiz, e sentindo por isso a terra fugir-lhe dos pés, terá exclamado: "Não tremas terra, que eu não te faço mal"(6).

(3) *Epistolario de Valera y Menéndez Pelayo (1877-1905)*, Madrid, Espasa-Calpe, 1946, p. 91.

(4) *Ibidem*, p. 92 (carta de 29 de Julho de 1881).

(5) "En esta tierra quizá haya menos juicio que en España, pero en general se estudia más, y en las letras prevalece menos la brutalidad. Tal vez me lance, sin dar mi nombre, a publicar en *El Día* una serie de artículos sobre la 'Literatura portuguesa de ahora'. Me arredra el temor de lo muchísimo que habría que leer para que fuese el estudio con consecuencia; pero por otra, y visto que si lo hiciese con mucha conciencia me haría pesado, me inclino a escribir a la ligera mis impresiones sobre lo principal que ya he leído o puedo leer, sin apurar la materia y sin imponerme la obligación de conocerlo todo y de dar noticia de todo, que, malo o bueno, es muchísimo, pues aquí, en proporción, se escribe doble que en España en verso y prosa" (*Epistolario de Valera y Menéndez Pelayo*, ed. cit., p. 144 - carta de 25 de Fevereiro de 1883).

(6) Cf. Juan Valera, *Obras completas*, tomo I, 5.ª ed., Madrid, Aguilar, 1968, p. 1222.

Mais significativa e mais abrangente, porque visa mais directamente a presunção colectiva dos portugueses, é a transcrição que faz no mesmo livro do epitáfio do célebre cantor Madureira, que afirma ter encontrado no cemitério dos Prazeres, em Lisboa. Transcrevemos o texto com os erros existentes na edição que estamos a utilizar:

"Aquí yace
o senhor de Madureira,
o primer cantor do mundo.
Morreu.
Porem, nom morreu,
chamoulhe Deus a sua capella
mandou-lhe cantar
nao quiz.
Rogou-lhe que cantase.
Então cantou.
E diz Deus:
vayan os anjos á merda
que canta muito melhor
o senhor de Madureira⁽⁷⁾.

Como tinha adiantado e como constataremos em seguida, as considerações de Valera sobre a insolência nacionalista lusa entroncam numa tradição com antecedentes ilustres.

Quando Quevedo escreveu *El Buscón*, nos primeiros anos do século XVII, ou quando se publicou, sem a autorização do autor, *El Buscón*, em 1626, Portugal constituía com a Espanha uma unidade política (ainda que não sob a forma de um único estado), obedecendo a uma só casa real. Mas os Portugueses destacavam-se desde logo por falarem uma língua diferente da dos restantes súbditos dos Habsburgos peninsulares, língua que muitos deles não abandonavam nem mesmo quando residiam na corte. Na sátira quevediana, não falta a imagem de arrogância e vaidade que os espanhóis têm dos portugueses, neste caso sublinhada pela irrelevância social de quem protagoniza essas características psicológicas. *

<*> *Ibidem*, p. 1222.

Depois de sair da prisão, onde estivera devido à prática de pequenos furtos, em colaboração com um grupo de picaros, Pablos, o *buscón*, hospeda-se numa modesta estalagem, fingindo ser um homem honesto e com a intenção de seduzir a filha da estalajadeira. Vive na mesma hospedaria um português que, segundo a desde logo mordaz apresentação da personagem-protagonista da novela de Quevedo, "se llamaba o *siñor*"⁽⁸⁾ Vasco de Meneses, caballero de la cartilla, digo de Christus.⁽⁹⁾ Ou seja, enquanto Vasco de Meneses se proclama membro da Ordem de Cristo, uma das mais importantes de Portugal, o narrador, parecendo não confiar muito na nobreza da personagem, aproveita para construir uma espécie de trocadilho dilógico centrado no facto de a cruz de Cristo ilustrar também, na época, os livros de primeiras letras.

A explicação do sentido da frase fornecida por Fernando Cabo Aseguinolaza, na sua edição do *Buscón*, é profundamente esclarecedora: "La Orden de Cristo era una orden militar portuguesa; pero con *christus* se indicaba también 'la cruz que precede al abecedario en la cartilla, y enseña que en su santo nombre se han de empezar todas las cosas' (*Autoridades*)" (A. Gargano). El chiste se burla indirectamente de las pretensiones de hidalguía y tratamiento atribuidas tradicionalmente a los portugueses"⁽¹⁰⁾.

Quando Pablos, pretendendo chegar à janela da sua pretendida, é capturado no telhado por um escrivão que o toma por um assaltante, o português, por solicitação da filha da estalajadeira, apresenta-se na casa do escrivão, exigindo a libertação do picaro e intitulando-se agora "fidalgo de casa du Rey".⁽¹¹⁾

A generosidade do português relativamente a Pablos é justificada pelo amor que ele próprio sentia pela filha da estalajadeira. Mas ao contrário de Pablos, o amor de Vasco de Meneses era essencialmente

⁽⁸⁾ Nalgumas edições, "senhor".

⁽⁹⁾ Francisco de Quevedo, *La vida del Buscón*, Barcelona, Crítica, 1993, p. 183. O outro hóspede da casa, um catalão, "la criatura más triste y miserable que Dios crió", serve de pretexto para caricaturar a proverbial avareza catalã, aliada também à fanfarronice: "Comía tercianas, de tres a tres días, y el pan tan duro, que apenas le pudiera morder un maldiciente. Pretendía por lo bravo, y si no era el poner güevos, no le faltaba otra cosa para gallina, porque cacareaba notablemente" (Francisco de Quevedo, *La vida del Buscón*, ed. cit., p. 183).

⁽¹⁰⁾ In Francisco de Quevedo, *La vida del Buscón*, ed. cit., p. 183, nota 22.

⁽¹¹⁾ *Ibidem*, p. 186.

espiritual: "**Ardía**⁽¹²⁾ por *dona* Berenguela de Robledo, que así se llamaba. Enamorábala sentándose a conversación y suspirando más que beata en sermón de Cuaresma"⁽¹³⁾.

Também neste caso nos pode servir de explicação a nota do editor: "Otro carácter tópico en la figura chistosa del portugués es el de su alma enamoradiza, así como la expresión tierna y lánguida de ese amor"⁽¹⁴⁾ 15.

Igualmente em nota de rodapé da sua edição do *Buscón*⁽¹⁵⁾, Domingo Ynduráin dá vários exemplos de referência aos portugueses como apaixonados *ardentes*, entre os quais outro texto satírico de Quevedo, *El sueño de la muerte*:

"Alcé los ojos y vi la Muerte en su trono, y a los lados, muchas muertes: estaba la muerte de amores, la muerte de frío, la muerte de hambre, la muerte de miedo y la muerte de risa todas con diferentes insignias. La muerte de amores estaba con muy poquito seso. Tema, por estar acompañada, porque no se le *corrompiesen* por antigüedad a Píramo y Tisbe, embalsados, y a Leandro y Hero y a Macías, en cecina, y **algunos portugueses derretidos**⁽¹⁶⁾. Mucha gente vi, que estaba ya para acabar debajo de su guadaña, y, a puros milagros del interés, resucitaban"⁽¹⁷⁾ 18.

Como se pode também deduzir destes exemplos, à imagem do sentimentalismo está associada a do exagero. Muitas vezes esta autonomiza-se, como também confirma Domingo Ynduráin, recordando uma passagem de uma *comédia* de Lope de Vega: "Estaba el cielo más negro / que un portugués embozado (*La viuda valenciana*, I, VII)⁽¹⁸⁾. Não é seguramente por acaso que, ainda hoje, o *Diccionario* da Real Academia define

a²) Negrito meu.

(13)Francisco de Quevedo, *La vida del Buscón*, ed. cit., p. 183.

(14)In *ibidem*, p. 183, nota 25.

(15)Francisco de Quevedo, *El Buscón*, 8.ª ed., Madrid, Cátedra, 1987, p. 236.

(16)Negrito meu. No famoso *Vocabulario de refranes y frases proverbiales*, publicado por Gonzalo Correas em 1627, figurava esta entrada: "**Derretirse como portugués. Derretido como portugués.** Para decir que uno se enamora mucho a cualquiera ocasión, porque esta opinión se tiene de los portugueses, que son muy enamorados y derretidos de puro amor; y por eso los llaman 'sebosos', a semejanza del sebo que se derrite al fuego, con vaya, por ser asqueroso más que cera". Edição utilizada: Madrid, Castalia, 2000, p. 909.

(17)Francisco de Quevedo, *Sueños y discursos*, Madrid, Castalia, 1973, p. 200.

(18)Cf. nota 310, in Francisco de Quevedo, *El Buscón*, ed. cit., p. 236.

"portuguesada" como "Dicho o hecho en que se exagera la importancia de una cosa".

O sentimentalismo que caracteriza os portugueses está evidentemente relacionado com a forte presença de temas amorosos na literatura portuguesa medieval e renascentista, do cancionero trovadoresco a Bernardini e a Camões, em contraste com os temas mais guerreiros que geralmente se associam à literatura em língua castelhana. Eugenio Asencio fornece-nos exemplos, colhidos na própria literatura portuguesa, em que se vê como os portugueses tinham, no século XVI, a presunção de serem um povo de enamorados. A sua primeira referência são *Os Lusíadas*:

"Venus y los Olímpicos favorecen la empresa de Vasco da Gama, mientras Baco y los dioses del mar combaten contra ellos maquinando su ruina. La intervención de Venus está poéticamente racionalizada: ayuda a los portugueses porque le recuerdan a los romanos - sus protegidos de la Eneida - lo mismo en hazañas que en lengua. Hay además un fundamento astrológico, porque Lisboa está bajo el influjo de Venus, lo que convierte a los portugueses en un pueblo de enamorados, como se puede ver en el *Reportorio dos tempos* de Valentim Fernandes (Lisboa, 1518) y en la *Comedia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos (Coimbra, 1555). La *Eufrosina* es terminante cuando el héroe Zelótipo caracteriza a los portugueses, como diferentes, de las otras naciones: '[...] Ride dos namorados... E não me negareis ser esta a principal incrinação Portuguesa [...] Tudo isto e muyto mais se acha no bom Português, de sua natural constelação apurado no amor'"⁽¹⁹⁾.

Num livro a que oportunamente voltaremos, por ser representativo da imagem do português em Espanha durante a época franquista, Ernesto Giménez Caballero, faz em termos encomiásticos a defesa do amor português:

"Para Tirso: el castellano amaba con la vista. Y de oído el portugués. ¡Qué amor tan de Portugal!"; exclama Vélez de Guevara.

⁽¹⁹⁾ Eugenio Asencio, "Los 'Lusíadas' y las 'Rimas' de Camões en la poesía española (1580-1640)", in Eugenio Asencio e José V. de Pina Martins, *Luis de Camões*, París, Fundação Calouste Gulbenkian-Centro Cultural Português, 1982, pp. 56-57.

Amor dulcísimo, como melcocha y azúcar; como toronja, como jalea. Amor que dio todo un verbo a España: el de 'derretirse' como cera, como sebo. Amor de Macías: suavísimo y suicida a la par"⁽²⁰⁾.

Voltando ao tópico oposto, não parece diferir substancialmente do fidalgo da "casa do rei" quevediano, quer no aspecto físico, quer na qualidade da massa encefálica, aquele que, no século XVIII, Nicolás Fernández de Moratín elege como personificação da mais atroz ignorância e falta de siso:

"Admiróse un portugués
de ver que en su tierna infancia
todos los niños en Francia
supiesen hablar francés.
Arte diabólica es,
dijo, torciendo el mostacho,
que para hablar en gabacho,
un fidalgo en Portugal
llega a viejo, y lo habla mal;
y aquí lo parla un muchacho"⁽²¹⁾.

Tinha "mostachos grandes", para além de "capa de luto, botas⁽²²⁾, cuello pequeño"⁽²³⁾ ²⁴, o fidalgo português retratado no *Buscón*. São elementos arcaizantes, mas que, evidentemente, correspondem também à imagem espanhola (e não só espanhola, como já veremos) dos fidalgos portugueses. No início de *O fidalgo aprendiz*, D. Francisco Manuel de Melo apresenta Afonso Mendes "vestido à portuguesa antiga - botas, barbas, festo, pelote, gorra, espada e talabarte"⁽²⁴⁾; e de novo Giménez Caballero confirma: "Otra figura muy tenida en cuenta por el pueblo español del

⁽²⁰⁾Ernesto Giménez Caballero, *Amor a Portugal*, Madrid, Ediciones Cultura Hispánica, 1949, p. 87.

⁽²¹⁾Nicolás Fernández de Moratín, *Obras de D. Nicolás y D. Leandro Fernández de Moratín*, 2.ª ed., Madrid, M. Rivaneira, 1848, p. 14.

⁽²²⁾Fernando Cabo Aseguinolaza esclarece em nota que "El gusto por las botas es otro de los rasgos indumentarios de la figura del portugués tradicional" (in Francisco de Quevedo, *La vida del Buscón*, ed. cit., p. 183).

⁽²³⁾Francisco de Quevedo, *La vida del Buscón*, ed. cit., p. 183.

⁽²⁴⁾D. Francisco Manuel de Melo, *O fidalgo aprendiz*, 4.ª ed., Lisboa, Clássica Editora, s.d., p. 37.

Imperio fue la del Hidalgo portugués, la del magnate, caracterizada por cierto arcaísmo o tradicionalidad en el vestir: barba, capa de bayeta y altas botas enceradas.⁽²⁵⁾

Operação mais melindrosa, porque tem como universo não "un fidalgo" mas os Portugueses em geral, é deslindar o alcance das palavras que Cervantes põe na boca de Claudia, bruxa e traficante sexual (roubava crianças do sexo feminino, que vendia depois de crescidas, fazendo-as passar por suas sobrinhas), quando "*La tía fingida*" pretende pecatar a sua *sobrinha* Esperanza relativamente aos tipos de gente que então habitavam a cidade universitária de Salamanca:

"Los castellanos nuevos, teñios por nobles de pensamientos y que si tienen dan, y por lo menos si no dan no piden. Los extremeños, tienen de todo, como boticarios, y son como la alquimia, que si llega a plata, lo es, y si al cobre, cobre se queda. Para los andaluces, hija, hay necesidad de tener quince sentidos, no que cinco, porque son agudos y perspicaces de ingenio, astutos, sagaces y no nada miserables; esto y más tienen si son cordobeses. Los gallegos no se colocan en predicamento, porque no son alguién. Los asturianos son buenos para el sábado, porque siempre traen a casa grosura y mugre. Pues ya los portugueses, es cosa larga de describirte y pintarte sus condiciones y propiedades, porque, como son gente enjuta de cerebro, cada loco con su tema; mas la de casi todos es que puedes hacer cuenta que el mismo amor vive en ellos envuelto en lacería."⁽²⁶⁾

Nesta "novela exemplar", encontramos de novo a ideia de exagero associada a Portugal, desta vez tendo como pretexto a descrição do vestuário de Claudia, que usava "unas tocas blancas como la nieve, más largas que sobrepeliz de canónigo portugués"⁽²⁷⁾.

Não vamos fazer a Cervantes a injustiça de considerar serem opiniões suas a ideia de que os galegos não são gente ou de que os portugueses são "gente enjuta de cerebro", tanto mais que Esperanza, a verdadeira heroína do relato, imediatamente responde que não aceita aqueles preconceitos, pois todos os homens têm alma e são igualmente feitos

⁽²⁵⁾Ernesto Giménez Caballero, *ob. cit.*, p. 84.

⁽²⁶⁾Miguel de Cervantes, "*La tía fingida*", in *Obras completas*, vol. I, Madrid, Aguilar, 2003, p. 892.

⁽²⁷⁾*Ibidem*, p. 887.

de carne e osso. Fica, no entanto, a ideia de que as opiniões de Claudia correspondiam a estereótipos generalizados naquela época, quando os portugueses compartilhavam o mesmo rei com todos os outros habitantes da Península.

Não irei conceder transcendental importância aos motivos e personagens portugueses no teatro do Século de Ouro, apesar da enorme visibilidade temática que têm. Trata-se, como se sabe, de um teatro profundamente comprometido politicamente com os interesses da coroa espanhola e com os princípios político-ideológicos da monarquia absolutista. Isto não invalida que também sejam visíveis na *comédia espanhola* os estereótipos que já conhecemos sobre o português, mas como nos encontramos perante obras produzidas essencialmente também no período da monarquia dual, e com propósitos políticos muito precisos, a perspectiva sobre Portugal que encontramos neste teatro varia bastante em função dos interesses objectivos e concretos de cada obra. Deste modo, enquanto na maior parte das *comédias* históricas e histórico-lendárias os motivos portugueses são vistos como quaisquer outros motivos hispânicos⁽²⁸⁾ (não obstante alguns traços caricaturais que possam estar presentes), nalgumas ocasiões os Portugueses podem inclusivamente ser vistos como inimigos, se isso servir a estratégia de enaltecimento da dinastia reinante em Espanha.

É o que acontece em *Fuente Ovejuna*, onde o Comendador de Calatrava é apresentado como traidor, por ser apoiante do rei português Afonso V nas lutas que se seguiram à morte de Enrique IV entre os defensores do direito ao trono (de Castela) de Isabel, a Católica, irmã do falecido rei, e de Joana, formalmente filha do mesmo rei e sobrinha (e depois esposa) de Afonso V. Os detractores de Joana chamavam-lhe *Beltraneja*, por entenderem ser o poderoso fidalgo Beltrán de la Cueva o verdadeiro

(28) Poderia, por exemplo, referir *El duque de Viseo*, de Lope, *El príncipe constante*, de Calderón, *Reinar después de morir*, de Vélez de Guevara, e diversas obras de Tirso de Molina. Na sua introdução a *El Duque de Viseo*, Francisco Ruiz Ramón sublinhou o facto de, apesar de o rei português castigar com a morte dois fidalgos inocentes (segundo a versão dramática lopesca, que não coincide com a do cronista Rui de Pina), as decisões arbitrárias de quem detém a autoridade serem acatadas com resignação mesmo pelas próprias vítimas, visto que, como afirma logo no início da peça o Condestable, "Esta máxima se crea: / que cualquiera que el Rey sea, / al fin representa a Dios" (Lope de Vega, *El duque de Viseo*, Madrid, Alianza, 1966, p. 36).

progenitor da princesa. Na realidade, à luz da situação vivida no século XV, tão patriótico deveria ser apoiar Joana como Isabel (casada com o também *estrangeiro* Fernando de Aragão). No entanto, o objectivo de Lope, no século XVII, era a defesa e o louvor da dinastia reinante naquele momento em Espanha, assim como da própria ideia de Espanha que se começara a forjar com a fusão entre Castela e Aragão, promovida pelos Reis Católicos.

No seu suspeitíssimo *Amor a Portugal*, Giménez Caballero, que tem por objectivo demonstrar que portugueses e espanhóis sempre se apreciaram mutuamente, faz uma leitura muito benevolente das características do português colocadas em cena pelos dramaturgos do Século de Ouro:

"Los españoles del Imperio admiraban lealmente el Valor"⁽²⁹⁾ y la 'arrogância' de los portugueses. Su 'cortesía'. Su 'ingenio'. Su 'sentido político'. Y, sobre todo, su 'refinamiento amoroso'.

[...] A veces ese valor rayaba en la arrogancia y en la hipérbole. Lo que hizo pensar a Lope en que, además de gente brava y belicosa, fuese el portugués presuntuoso [...].

Calderón también exclamó a través de uno de sus personajes: '¡Qué portuguesa arrogancia!'. Melchor de Santa Cruz veía el portugués como hombre de 'muito fogo e muito fumo'⁽³⁰⁾.

No século XVIII, consolidou-se o afastamento político de Portugal relativamente a Espanha. Foi uma época marcada pela decadência política, militar e económica do reino espanhol, que até meados do século anterior era a potência hegemónica do continente europeu. Para Portugal, foi uma época de consolidação da independência e de reorganização do império colonial. O ouro brasileiro e a acção do Marquês de Pombal concederam ao país um estatuto de notabilidade no contexto de uma Europa fragmentada e em reconstrução. E nesse contexto que Benito Jerónimo Feijoo, na *Fábula del establecimiento de inquisición en Portugal*, declara o seu amor a Portugal, um país que afirma estar muito bem cotado no concerto das nações, e tendo consciência de que essa declaração não

(29) Note-se que "valor" tem aqui o sentido de coragem.

(30) Ernesto Giménez Caballero, *ob. cit.*, p. 85.

ia ser bem recebida por todos os seus compatriotas[^], pois também ele conhecia a má fama anterior do orgulho nacional português. E ainda que Feijoo se demarque dos preconceitos ainda vigentes, fica claro que Portugal continuava a ser visto, a partir de Espanha, como uma nação altiva e arrogante:

"No ignoro que está notada su arroganda entre las Naciones, como lunar, que quita algo de lustre a aquellas virtudes; pero si bien se reflexiona, se hallará, que por lo común esto que se llama en ellos jactancia, nada es en el fondo más que chiste, y donaire, y en tal cual individuo un inocente desahogo de la vivacidad del espíritu. He visto en muchos, que he tratado, todo género de dulzura, atención, y urbanidad, lo que no es compatible con la soberbia hinchazón, que se les atribuye. En mi persona propia tengo experiencia palpable de que el desprecio, y aversión, que les imputan, respecto de los súbditos de la Corona de Castilla, no tiene más fundamento, que nuestra aprehensión. Altamente están impresas en mi corazón, y en mi memoria las especialísimas honras, que he debido a algunos Señores Portugueses, igualmente eminentes por su nobleza, que por su agudeza, y erudición, dignándose estos de preconizar al mundo mis rudas tareas con elogios, que solo estarían bien colocados en los mismos Panegiristas. ¿Dónde está, pues, esa altanería orgullosa, con que se dice, que los Portugueses pisan todo lo que no es suyo?"⁽³²⁾.

No século XIX, Portugal e Espanha tiveram uma evolução política paralela, mas não faltaram também momentos em que os seus destinos se entrecruzaram, nomeadamente no contexto do expansionismo napoleónico. Como sabemos, o exército francês que invadiu Portugal

⁽³¹⁾//Amo, y venero a esta nobilísima Nación por todas aquellas razones, que la hacen gloriosa en todo el Orbe. El nacimiento me hizo vecino suyo, y el conocimiento apasionado. Extrañarán lo segundo los que saben lo primero, porque entre los confinantes, sujetos a distintas Coronas, suele reinar cierta especie de emulación, que los hace mal avenidos; pero como el Cielo me dio un espíritu desembarazado de estas preocupaciones vulgares, igualmente estimo el mérito en cualquiera parte que le encuentro" - Benito Jerónimo Feijoo, *Teatro crítico universal*, tomo VI (*nueva impresión, en la cual van puestas las adiciones del Suplemento en sus lugares*), Madrid, Real Compañía de Impresores y Libreros, 1778, p. 173.

MIbidem, pp. 173-174.

incorporava muitos militares espanhóis, na sequência, num primeiro momento, de um acordo hispano-francês para a partilha do nosso país e posteriormente da usurpação por José Napoleão do trono espanhol, que culminaria com a Guerra da Independência. Na década de 20 e nos anos iniciais da de 30, liberais portugueses e espanhóis partilharam as agruras do exílio, preparando algumas vezes ações comuns.

Apesar disso, os contactos políticos e culturais não viriam a ser muito estreitos na época liberal, ainda que nos inícios da década de 50, na sequência da publicação portuguesa de *A Ibéria*, do diplomata espanhol Sinibaldo de Mas, se ter chegado a constituir em Portugal um importante núcleo intelectual iberista. Uma das consequências desse iberismo acabaria por ser o empolamento de alguns sentimentos antiespanhóis pré-existentes, traduzidos, por exemplo, na criação, em Maio de 1861, da "Associação 1.º de Dezembro", que tinha como principal objectivo a defesa da independência nacional⁽³³⁾.

Os intelectuais espanhóis que melhor se aperceberam desse recrudescer do antiespanholismo foram precisamente aqueles que tiveram uma relação mais íntima com Portugal. No artigo intitulado "Visita guiada à casa ibérica (1801-1900)", apesar de defender que ao longo do século XIX as relações culturais luso-espanholas foram mais íntimas do que geralmente se pensa, Gabriel Magalhães não pôde deixar de notar a incomodidade de alguns escritores espanhóis que passaram por Portugal ou que aqui residiram perante a evidência de alguma animosidade antiespanhola. E o caso da poetisa Carolina Coronado, que viveu em Portugal entre 1873 e 1911, ano da sua morte. Eis o que escreveu no jornal *El Estandarte*, em 1886, a propósito da visita ao nosso país de Amadeo de Sabóia, príncipe italiano que nos anos 70 chegara a ser, por escasso tempo, rei de Espanha:

<33> Veja-se, a este propósito, Fernando Catroga, "Nacionalismo e ecumenismo. A Questão Ibérica na segunda metade do século XIX", *Cultura. História e Filosofia*, vol. IV, 1985, pp. 419-463. Sobre a difusão em Portugal do livro de Sinibaldo de Mas, veja-se também Maria da Conceição Meireles Pereira, "Sinibaldo de Mas: A difusão da *Ibéria* em Portugal e do Iberismo no Oriente", in *II Encontro Internacional Relações Portugal-Espanha: uma História Paralela, um Destino Comum?*, Porto, CEPES, 2002, pp. 213-230.

"He suspendido mis reflexiones filosóficas y naturalistas, para ir a ver la entrada de D. Amadeo de Saboya y he tenido ocasión de afirmarme en la creencia de que poseemos animadversion de nuestros vecinos. Todos los comentarios son desfavorables para nuestro país. Todas las desgracias del ilustre príncipe, la muerte de su esposa y hasta la blancura de su cabello se deben a la maldad de los españoles. Esta no es la voz de un partido, es la de todos"⁽³⁴⁾.

Viajante compulsiva, Emilia Pardo Bazán foi também seguramente um dos intelectuais espanhóis que melhor conheceu os portugueses. Galega, da Corunha, não pode ser acusada de qualquer espécie de preconceitos à partida, tanto mais que sempre se esforçou por fortalecer as relações culturais entre os dois países, tendo sido leitora e admiradora das obras de Camilo, de Oliveira Martins e, sobretudo, de Eça de Queirós. Foi inclusivamente uma das responsáveis directas pelo êxito da obra queirosiana em Espanha ainda nos anos 80 do século XIX. Em 1884 viajou por Portugal e, para além de ter notado que a literatura espanhola era aqui quase tão pouco conhecida como a portuguesa no país vizinho, teve ainda a desagradável surpresa de descobrir o escasso apreço que em geral os portugueses nutriam pela cultura espanhola. Na sua carta aberta a Guiomar Torresão, publicada na *Ilustración Ibérica*, lamenta o desconhecimento recíproco entre portugueses e espanhóis, ao mesmo tempo que aponta como um dos traços mais fortes da personalidade lusa o antiespanholismo:

"Voy a ser franca y consignar aquí la verdad pura y triste, tal cual la comprendí durante mi rápido viaje. En Portugal no saben Vdes. palabra de lo que en España se escribe y piensa.

Es más: experimentan Vdes., y al decir ustedes claro está que aludo al público en general, instintiva antipatía por la cultura hispana y cierta

⁽³⁴⁾In Gabriel Magalhães, "Visita guiada à casa ibérica (1801-1900)", in *RELIPES. Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início do século XIX até à actualidade*, Covilhã-Salamanca, UBI-Celya, 2007, p. 58. Tendo vivido tantos anos em Portugal, a obra de Carolina Coronado reflecte urna intensa relação com o país de acolhimento, que considerava uma extensão do seu. Vide Noemí Pérez Pérez, "La concepción de Portugal en la obra de Carolina Coronado", in Gabriel Magalhães (ed.), *Actas do Congresso Relipes III. Universidade da Beira Interior, 18 a 20 de Abril de 2007*, Covilhã-Salamanca, UBI-Celya, 2007, pp. 261-278.

voluntaria pereza que les impide leer libros españoles. He visto con profunda pena que en Portugal tiene público cualquier novelista francés, hasta los de segunda fila, Cherbuliez, Feuillet, Theuriet y otros ets [sic], y en cambio se ignora hasta el nombre de Pérez Galdós, el Dickens peninsular! ¡Los mismos escritores católicos de ese país desconocen a Pereda, nuestro gran costumbrista realista, y Valera, con residir en Lisboa larga temporada desempeñando un puesto eminente, poca más huella dejó de su paso que deja en el Océano la quilla de las naves!⁽³⁵⁾.

Esta constatação do antiespanholismo dos portugueses não impediu a autora, como já referi, de declarar constantemente, e em artigos sucessivos o seu afecto por Portugal, que considerava, tal como Carolina Coronado, um fruto mais do generoso tronco espanhol, como o confirma o artigo intitulado "Mi patria", publicado en *El Regional* (2-04-1902) e transcrito por Araceli Herrero Figueroa (*Estudios sobre Emilia Pardo Bazán e recopilación de dispersos*):

"Portugal es para mí como la América latina. Algo que tengo que reconocer, política y geográficamente, por extranjero, pero que moralmente, afectivamente sobre todo, continúa formando parte de mi patria.

[...]

Esa impresión penosa de aislamiento que se sufre al cruzar la frontera y meterse en país ajeno y extraño, no la he percibido nunca al pasar de la orilla gallega a la orilla lusitana del dulce Miño.

Sépanlo los excursionistas portugueses. Quiéranlo o no, me tienen consigo. Si Portugal me rechazase, yo volvería, como el ave terca en labrar nido donde le place y siente calor de sol y abrigo de techo familiar. Llámenme extranjera, enhorabuena. Mi espíritu, en Portugal, se encuentra en su casa. No sólo me creo dentro de la patria, sino dentro, en el corazón mismo, de la región, de la tierra nativa.⁽³⁶⁾.

Também Galdós, visitando Portugal na companhia de Pereda, em 1885, se apercebeu de que em Portugal não se nutria, nessa época, muita estima pelas coisas de Espanha, e responsabilizava por isso a ³⁵ ³⁶

⁽³⁵⁾Emilia Pardo Bazán, "Vecinos que no se tratan", in *La Ilustración Ibérica*, II, 1884, p. 522.

⁽³⁶⁾Lugo, Diputación Provincial de Lugo. Servicio de Publicaciones, 2004, pp. 85-86.

escassa justificação geográfica, política e cultural da independência portuguesa. Há que ter em conta que não estavam muito distantes os processos de reunificação da Itália e da Alemanha.

A agressividade nacional dos portugueses face ao país vizinho, de maiores dimensões e que praticamente o havia assimilado durante o período de monarquia dual, seria, portanto, para o autor de *La desheredada*, uma manifestação de debilidade mascarada de soberba ou arrogância. Esta avaliação de Benito Pérez Galdós parece-me ser bastante representativa da opinião ilustrada espanhola do seu tempo. A recorrente substituição do gentílico "portugués" por "luso", sobretudo em contextos depreciativos, pode chegar assim a assumir por vezes, nessa época, um tom sarcástico, que evoca a reivindicação portuguesa da ascendência lusitana (logo diferenciada, no contexto peninsular) dos portugueses. Algo que não pode ser chocante para nós, quando sabemos que também a expressão "nuestros hermanos", aplicada aos espanhóis e sobretudo usada em contextos depreciativos, comporta quase sempre um inegável tom irónico.

Já a Leopoldo Alas "Clarín", o mais importante crítico literário espanhol do século XIX e autor do melhor romance que se escreveu em Espanha nesse século, faltou o conhecimento directo dos portugueses, salvo através da correspondência trocada (seguramente) com Joaquim de Araújo e (presumivelmente) com Antero de Quental.

Independentemente disso, deu admiráveis provas de estima por Portugal, recenseando na imprensa espanhola obras de autores portugueses como Antero, Eça de Queirós ou Guerra Junqueiro, ou tentando criar uma "Liga Literária Hispano-Portuguesa", destinada a fomentar o intercâmbio cultural entre os dois países. Contudo, a imagem dos portugueses que deixa no seu genial romance *La Regenta* (1884-1885) parece também corresponder a um estereótipo na época, não sei se regional (asturiano) ou nacional. *La Regenta* é um retrato bastante negativo da Espanha da Restauração. Uma das suas personagens é um republicano, positivista e ateu, de nome Pompeyo Guimarán, que chega a ter como objectivo político a transformação da catedral da sua cidade (Vetusta) em passeio público coberto, com a justificação de que em Vetusta chovia muito. Clarín, que era republicano, embora não positivista nem ateu, ridiculariza a sua personagem, revelando as suas debilidades teóricas e as suas incongruências éticas, mas apresenta-a também como descendente de portugueses:

"Don Pompeyo Guimarán, presidente dimisionario de la *Libre Hermandad*, natural de Vetusta, era de familia portuguesa; y don Saturnino Bermúdez, el arqueólogo y etnógrafo, que dividía a todos sus amigos en celtas, iberos y celtíberos, sin más que mirarles el ángulo facial y a lo sumo palparles el cráneo, aseguraba que a don Pompeyo le quedaba mucho de la gente lusitana, no precisamente en el cráneo, sino más bien en el abdomen. Don Pompeyo no decía que sí ni que no; cierto era que él tenía un poco de panza, no mucho, obra de la edad y la vida sedentaria; que andaba muy tieso, porque creía que 'quien era recto como espíritu, digámoslo así, debía serlo como físico⁷'; pero en punto a los vestigios de raza y nación él se declaraba neutral: quería decir que le era indiferente esta cuestión, toda vez que tan español consideraba a un portugués como a un castellano, como a un extremeño. De modo que siempre que se le hablaba de tal asunto acababa por hacer una calurosa defensa de la unión ibérica, unión que debía iniciarse en el arte, la industria y el comercio, para llegar después a la política."⁽³⁷⁾

Refira-se que, no que respeita a começar a construir a união ibérica pelas artes e pelas actividades industriais e comerciais, as ideias de Don Pompeyo não diferem do iberismo mais amável e mais comum em Espanha na época, que contrastava com as ideias daqueles que entendiam que bastaria invadir Portugal.

São desse tempo as elucubrações de João da Ega, nos *Maias*, sobre as vantagens da "invasão espanhola". O tom chacoteiro em que Ega discute a questão é um sinal de que o próprio Eça de Queirós não levaria a sério a ameaça. Mas a prova de que havia alguma tensão e atrito entre os dois estados encontra-se, por exemplo, neste artigo publicado, num jornal de Coimbra, no ano da edição de *Os Maias*. Transcreve-se nesse artigo, publicado em 22 de Junho, com o objectivo de criticar o ministro português dos Estrangeiros, um discurso do ministro do Interior espanhol bastante esclarecedor (apesar da má qualidade da tradução):

"Grande desgosto é para mim que na questão referente às nossas relações com Portugal não possa satisfazer o desejo do sr. Labra³⁷ (38).

⁽³⁷⁾Leopoldo Alas "Clarín", *La Regenta*, Madrid, Akal, 1999, pp. 630-631.

⁽³⁸⁾Rafael María de Labra, importante ideólogo e político, falecido em 1918, foi um dos maiores lusistas espanhóis da sua época.

Este ponto é sumamente difícil de tratar, porque qualquer palavra que no parlamento espanhol ou na política espanhola se pronuncia acerca das nossas relações com Portugal, dá imediatamente lugar à susceptibilidade de nossos irmãos do outro lado da fronteira. Tenho feito todo o possível para estreitar as nossas relações com Portugal, mas tenho o sentimento de declarar que todos os meus esforços têm sido estéreis e que vamos indefectivelmente arrastados às represálias na fronteira"⁽³⁹⁾.

Como sabemos, ao longo do século XIX Portugal conheceu um processo gradual de empobrecimento, quando comparado com os países industrializados da Europa. O *Ultimatum* inglês de 1890 foi apenas um episódio, ainda que carregado de simbolismo, de um processo de periferização iniciado muitos anos antes. A partir do *Ultimatum*, a imagem dos portugueses vaidosos e arrogantes quase desaparece, substituída por uma nova imagem, condensada na expressão "Pobres Portugueses!", que foi usada, por exemplo, pelo correspondente do diário *El Imparcial* de Madrid na capital portuguesa, no contexto do conflito político anglo-português. Aliás, o *Ultimatum* foi bem aproveitado pela imprensa espanhola e pela sua opinião intelectual para revelar, em primeiro lugar, o seu afecto a um povo irmão que sofria um terrível vexame às mãos de um país pérfido e tradicionalmente inimigo de Espanha, a Inglaterra, e, em segundo lugar, para demonstrar que a independência de Portugal era a principal razão da sua fraqueza. Integrado em Espanha, nunca os Ingleses - que a imprensa espanhola fustigava furiosamente - se atreveriam a impor condições tão vexatórias como aquelas que o *Ultimatum* preconizava. Curiosamente, podemos verificar que as notícias de Portugal na primeira página do *Imparcial* de 17 de Janeiro de 1890 eram encabeçadas por um título com significados muito distantes nos tão semelhantes idiomas de Cervantes e de Camões: "Los sucesos de Portugal". Faltavam, evidentemente, ainda alguns anos para os "pobres espanhóis" se confrontarem com a sua própria debilidade política, militar e económica, durante a crise de 98.

Mas também nos escritos de Clarín encontramos uma referência explícita a esses acontecimentos dolorosos da história nacional, que permite, de resto, aferir que o tom geral da opinião pública espanhola é de solidariedade, embora inútil, com Portugal. Refiro-me a

⁽³⁹⁾// "A questão com a Espanha", *Correspondência de Coimbra*, 22-06-1888.

um "Palique" publicado na revista *Madrid Cómico* em 4 de Outubro de 1890, que começava assim:

"El tema presente de la *impresionable* opinión pública española es Portugal. Los mismos que hace pocos días andarían por plazas y cafés contando chascarrillos relativos a la hinchazón de la frase y a la arrogancia cómica de los portugueses... de almanaque, hoy se acuerdan del común origen de españoles y lusitanos, maldicen de Felipe II, y aun de Alfonso VI y hasta de Roberto el Piadoso, y piden a grito pelado que el *canapé* europeo del rey Juan VI vuelva a unirse políticamente a *lo demás* de España."⁽⁴⁰⁾

Está aqui quase tudo. Ou seja: não a opinião de Clarín (como não estava anteriormente a de Cervantes), mas a imagem estereotipada e caricaturesca do português (incluindo também agora a *hinchazón de la frase*). Qual a opinião de Clarín? Leopoldo Alas diz muito claramente, nas linhas seguintes, que via com bons olhos uma reunificação, não apenas da Península Ibérica, mas de todos os territórios europeus e americanos que utilizam as duas principais línguas ibéricas. Acrescenta, contudo, que essa discussão não está em cima da mesa, naquele momento:

"Antes que nos unamos decididamente portugueses e españoles, conviene ir formando costumbres de mutuo respeto y consideración; es necesario que los de acá prescindan de los cuentos en que los de allá figuran siempre *reventando da forza* y perdonando la vida al mundo entero; es necesario que los de allá prescindan del estilo melodramático al tratar de nosotros, y que no nos coman tan crudos como solían"^{(40) (41)}.

Socorrendo-se de um texto transcrito na *Ortographia da lingua portugueza*, Clarín entende que as primeiras manifestações de hostilidade para com o vizinho haviam partido dos portugueses. Isso pouco importa, porém: o que nos interessa é que o escritor asturiano reconhece a seguir que, em resposta, os espanhóis "discurrieron vengarse inventado patrañas, ridiculeces imposibles en que el carácter del portugués se convierte en una caricatura de la hinchazón misma"⁽⁴²⁾. Mas é claro que

⁽⁴⁰⁾Leopoldo Alas "Clarín", "Palique", in *Obras completas*, vol. VII, *Artículos* (1882-1890), Oviedo, Ediciones Nobel, 2004, p. 1115.

⁽⁴¹⁾ *Ibidem*.

⁽⁴²⁾ *Ibidem*, p. 1116

Clarín, sendo um intelectual esclarecido e progressista, republicano inclusivamente, tinha perfeita consciência de que os espanhóis não viviam tempos melhores que os portugueses, que eram tanto uns como os outros "gente pobre": "Un amigo mío tiene un principio económico que tal vez es el único bueno para el caso; cuando le convidan a comer en casa de pocas virtuales, suele exclamar: 'Bien, iré; donde *no* comen tres *no* comen cuatro'. Vengan en buen hora los portugueses, y donde no comemos nosotros, tampoco comerán ellos"⁽⁴³⁾.

Ultrapassado o destaque negativo do *Ultimatum*, no século XX, pelo menos até 25 de Abril de 1974, deixou praticamente de haver em Espanha uma questão portuguesa. Economicamente atrasado, Portugal não era, para Espanha, um mercado atractivo; por outro lado, o Estado Espanhol enfrentava problemas bem mais sérios do que a hipotética reunificação peninsular, nomeadamente as suas próprias dissensões ideológicas e as ameaças de fractura nacionalista. A ideia imperial de Espanha que saiu vitoriosa no sangrento conflito de 1936-1939 poderia criar novas tensões políticas luso-espanholas, mas aí falaram mais alto a conjuntura internacional e a afinidade ideológica dos dois ditadores, que aliás já se traduzira num importante auxílio militar prestado pelo regime de Salazar aos militares espanhóis rebeldes.

Deste modo, o interesse em Espanha por Portugal nesta época confinou-se a pequenos círculos intelectuais de lusistas verdadeiramente fascinados por Portugal⁽⁴⁴⁾ (pela semelhança, pela diferença, pela complementaridade com Espanha⁽⁴⁵⁾, mas sobretudo pela autenticidade), independentemente dos sonhos iberistas que alguns ainda acalentavam.

⁽⁴³⁾*Ibidem*.

⁽⁴⁴⁾Excluimos do âmbito deste estudo as figuras representativas do nacionalismo galego, por exemplo Vicente Risco ou Castelao, que têm, evidentemente, uma relação com Portugal muito diversa da dos intelectuais espanhóis que se expressavam em castelhano.

⁽⁴⁵⁾ Veja-se, por exemplo, o que escreveu Carmen de Burgos, que era, ha época, companheira sentimental de Ramón Gómez de la Serna, no seu livro *Peregrinaciones* (1916): "Es preciso ver Portugal para completar el paisaje total de nuestra península; para completar el alma nacional hay que atender a esta visión tan harmónica y tan complementaria, que nos hace amar la península entera de una manera más fundamental y amplia, en un cuadro más perfecto" (citada por Antonio Sáez Delgado, "La edad del Oro, la época de la Plata y el esplendor del

É claro que, quando falamos de autenticidade, está também em causa um certo arcaísmo social e económico, a resistência a uma mudança social que nos países economicamente mais avançados impunha uma acelerada uniformidade cultural. O principal arauto dessa autenticidade portuguesa no país vizinho foi, sem dúvida, Miguel de Unamuno. No século XX, a nenhum escritor espanhol se aplica com tanta propriedade o epíteto de lusitanista como ao famoso reitor da Universidade de Salamanca: "Que terá este Portugal [...] para assim me atrair? Que terá esta terra, por fora risonha e branda, por dentro atormentada e trágica? Não sei; mas quanto mais lá vou mais desejo voltar".⁽⁴⁶⁾

A curta distância entre a cidade de Salamanca e a fronteira portuguesa deverá ter estimulado em Unamuno (que, como sabemos, havia nascido no País Basco), o interesse por Portugal; mas a verdade é ele vivera vários anos muito mais perto de França, país que visitou amiudadas vezes e onde residiu durante os seus seis anos de exílio provocado pela ditadura do general Primo de Rivera, e, apesar disso, não existem na obra unamuniana, para com a França, as manifestações de interesse e de simpatia que Portugal lhe mereceu. E essa admiração tinha três vectores: Unamuno amou a nossa literatura, particularmente a produzida pelos grandes autores da "geração de 70" (Eça de Queirós, Antero de Quental, Oliveira Martins, João de Deus) e também a obra de Camilo Castelo Branco, sobretudo o seu romance *Amor de perdição*⁽⁴⁷⁾; amou a paisagem física de Portugal, que lhe mereceu a escrita de belas páginas, sobretudo registadas no livro que publicou em 1911: *Por tierras de Portugal y España*; mas amou, provavelmente acima de tudo, a paisagem humana de Portugal, a "paisagem da alma", para utilizar palavras do próprio Unamuno. *⁴⁷

Bronce (1901-1935)", in RELIPES. *Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início do século XIX até à actualidade*, ed. cit., p. 155.

(46) Miguel de Unamuno, *Por terras de Portugal e da Espanha*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1989, p. 59. Tradução de José Bento.

(47) "A literatura portuguesa [...] tem duas notas dominantes, que são a amorosa e a elegíaca. Portugal parece a pátria dos amores tristes e a dos grandes naufrágios. Há, a este respeito, uma obra portuguesa funda e empenhadamente significativa, uma obra cumulada de paixão dolorosa. É o *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco. Poucas coisas podeis ler de mais trágica e profunda paixão" (*ibidem*, p. 4).

Note-se, contudo, que a ideia unamuniana de Portugal não assenta apenas na atracção pelo culto melancólico da tristeza ou na ideia romântica de uma sentimentalidade exacerbada. O casamento da sentimentalidade com a violência faziam do nosso país, para o autor de *Del sentimiento trágico de la vida* (um livro publicado em 1913 e que tem uma relação muito estreita com os seus textos sobre Portugal) aquilo a que hoje se chamaria um "case study". É contudo evidente que o autor de *Niebla* visitava Portugal numa época de profunda conturbação (1907-1908), coroada pelo regicídio, e que dificilmente o leitor português actual poderá concordar completamente com esta visão do escritor, exposta no texto intitulado "Un pueblo suicida":

"A brandura, a meiguice portuguesa não está senão à superfície; raspai-a e encontrareis uma violência plebeia que chegará a assustar-vos. Oliveira Martins conhecia bem os seus compatriotas. A brandura é uma máscara. A linguagem da imprensa ultrapassa aqui em violência tudo o que de mais violento se escreva em Espanha. Ali não teriam podido escrever-se nunca páginas como as que Fialho de Almeida dedicou em *Os Gatos* à morte do rei D. Luís e à proclamação de D. Carlos, o que depois foi morto por Buíça. E na literatura os nossos mais fogosos escritores têm que render-se em força aos daqui. Este é um povo, não somente sentimental, mas apaixonado, ou melhor dito, antes apaixonado que sentimental. A paixão trá-lo à vida, e a própria paixão, consumido o seu alimento, leva-o à morte.⁽⁴⁸⁾

Sintomaticamente, como o próprio Unamuno reconhecia, era a paixão pela independência que ainda propiciava um dos raros momentos de apaziguamento nacional: "Dentro de uns dias, em 1 de Dezembro, celebrar-se-ão as festas da restauração da sua nacionalidade, de ter sacudido a soberania dos Filipes da Espanha. No dia seguinte voltarão a falar de bancarrota e de intervenção estrangeira. Pobre Portugal!"⁽⁴⁹⁾

Depois de Unamuno, outro grande escritor espanhol, Ramón Gómez de la Serna, viajou por Portugal, deixando registadas as suas impressões do país no seu livro publicado em 1918, *Pombo*. Pombo era o nome do café madrileno em que tinha lugar uma famosa tertúlia, de que,

⁽⁴⁸⁾ *Ibidem*, p. 66.

⁽⁴⁹⁾ *Ibidem*.

como se pode ver no igualmente famoso quadro de Solana, o próprio Gómez de la Serna era a figura central.

Não encontramos ñas "Cartas desde Portugal" ou em "Segundo viaje a Portugal", que são os capítulos de *Pombo* dedicados ao nosso país, nenhum dos antigos preconceitos sobre a arrogância ou a vaidade dos portugueses, nem qualquer apelo, bélico ou sentimental, à união ibérica, apesar de também Gómez de la Serna referir algumas vezes a complementaridade dos dois países peninsulares⁽⁵⁰⁾. "Hacia Portugal - escribía Gómez de la Serna quase a abrir as "Cartas desde Portugal" - está el viaje romántico"⁽⁵¹⁾ ⁵², e notamos, desde o início, uma grande empatia com o país, que vai comparando, situação por situação, a outras nações ou à própria Espanha, quase sempre com vantagem para Portugal.

"El paso por la frontera ha sido para mí una grata sorpresa, porque yo, que acabo de pasar ahora distintas fronteras, es en ésta la única que he encontrado una gran afabilidad y un gran deseo de facilitar las cosas. Ninguna suspicacia. Este policía y este aduanero son ya masones, y eso hace que sean tan amables y nos traten como hermanos.

Después he entrado en el dominio perfecto de los árboles, de la extensa arboleda idílica y bondadosa que es Portugal. Se ven bueyes que trabajan y labriegos clásicos y saludables, con un barretinesco gorro de punto, una negra caperuza, cuya punta cae blandamente sobre su nuca; gorro de dormir, negro en vez de blanco.

He visto y disfrutado un verde especial, el verde portugués, que existe como existe el verde veronés; un verde sencillo, optimista, cándido, que conmueve el alma.⁽⁵²⁾

Este é o tom geral das cartas de Ramón aos co-tertúlios do café Pombo. Sobrinho de Carolina Coronado, não é fácil descobrir até que ponto esta pode ter influenciado a paixão por Portugal de Gómez de la

(so) "Portugal es una ventana hacia un sitio con más luz, hacia un más allá más pletórico, es una larga galería de cristales que afronta una luz más cálida y un aire más yodado" (Ramón Gómez de la Serna, *Pombo*, Madrid, Comunidad de Madrid. Consejería de Educación-Visor Libros, 1999, p. 379).

⁽⁵¹⁾*Ibidem*, p. 348.

⁽⁵²⁾*Ibidem*, p. 349.

Serna, que chegou a residir no Estoril. "De Madrid al cielo", dizem os amantes apaixonados de Madrid. O autor de *La quinta de Palmyra* parece ter encontrado o seu céu no extremo ocidental da Europa:

"El puerto, ese puerto natural, ese puerto ideal que es la desembocadura del Tajo, es el más maravilloso espectáculo de agua serena que he visto, todo arrobado por un éxtasis de imaginación.

Sólo en algún rincón de Museo, en esos cuadros panorámicos que colocan en los rincones, he visto unas aguas y unos barcos tan bien emplazados como estas aguas y estos barcos. Todo es panorámico y se presenta la navegación como el drama en los antiguos anfiteatros. Esa ancha desembocadura del Tajo, es como la base naval, no para las guerras, sino para los descubrimientos y los viajes de fantasía"⁽⁵³⁾.

A admiraçãõ de Gómez de la Serna pela paisagem física é, evidentemente, extensível ao elemento humano ("La juventud aquí es admirable. Podría compartir nuestras noches de Pombo. Yo me he sentido su hermano, realmente su hermano en medio de ellos. Declaman los versos como si llorasen"⁽⁵⁴⁾), e até as notas mais negativas o autor consegue encaixilhar numa (irónica?) moldura romântica: "Se ven muchos pies descalzos... Pero no es miseria, no; es que es más cómodo y más refrescante... El pobre de los pies descalzos ha desaparecido en España; pero es que allí eso era demasiado crudo y penoso. Aquí es cómodo, y el mosaico de todas las aceras lo consiente bien"⁽⁵⁵⁾.

Visitando Portugal durante a vigência da Primeira República, Ramón Gómez de la Serna não vislumbra, por baixo da cordialidade e hospitalidade lusas, a carga de violência que fascinara e assustara Unamuno na época do regicídio. A influência do autor de *La tía Tula* na visão de Portugal do autor das *greguerías* consiste sobretudo na avaliação que também ele faz do país como nação de suicidas, embora aponte razões bastante diferentes. O motivo apontado por Gómez de la Serna é uma espécie de exílio espiritual da intelectualidade lusa,

⁽⁵³⁾*Ibidem*, p. 353.

⁽⁵⁴⁾*Ibidem*, p. 418. Entre os jovens escritores portugueses, "perdidos, pero frenéticos de inspiración", Ramón Gómez de la Serna menciona, por exemplo, Fernando Pessoa, Antonio Ferro e vários outros ligados ao *Orpheu* e à *Renascença Portuguesa* (cf. *ibidem*).

⁽⁵⁵⁾*Ibidem*, p. 366.

plenamente europeísta, que não se conforma com a condição periférica de Portugal:

"De ahí su melancolía y la constancia de suicidios de intelectuales; por eso se suicidó Camilo Castelo Branco, el gran *romancista*, pegándose un tiro; por eso se suicidó el gran poeta Antero de Quental de otro tiro; por eso se suicidó Julio César Machado, cuentista y cronista, dándose un corte *das veias do pulso*; por eso se suicidó Trinidad [sic] Coelho, cuentista, pedagogo, sociólogo y jurisconsulto, pegándose un tiro; por eso se suicidó Mario de Sá Carneiro, *romancista*, cuentista y poeta futurista, envenenado con estrignina; por eso se suicidó Soares dos Reis, pegándose un tiro de revólver. Indudablemente se han suicidado por eso, porque estaban lejos de París; porque aun viviendo en una patria admirable, está tan remota a las ciudades inquietantes, está tan incomunicada con las tierras centrales de Europa, tan injustamente incomunicada, tan sin ecos, que se vive la melancolía del retiro y de la distanciaci3n, aun en la comfortable luz, bondad e inteligencia de este pa3s.⁽⁵⁶⁾

De 1918, data a viagem a Portugal de Rogelio Buendía, transformada, em 1920, no livro intitulado *Lusitania*. Como assinala no prefácio Eloy Navarro^{56 (57)}, o subtítulo, "Viaje por un país romántico", põe claramente em relevo a influência de Ramón Gómez de la Serna.

A viagem de Rogelio Buendía é também marcada pela entusiástica adesão ao país e à sua cultura. Lisboa e Coimbra são os pontos principais da sua peregrinação. A descrição da entrada em Lisboa recorda muito a de Gómez de la Serna, que por sua vez já lembrava muito alguns textos de Carolina Coronado⁽⁵⁸⁾. Escreveu assim Rogelio Buendía:

⁽⁵⁶⁾*Ibidem*, p. 358.

⁽⁵⁷⁾Vide Eloy Navarro, "Lusitania, el viaje iberista de Rogelio Buendía", in Rogelio Buendía, *Lusitania (viaje por un país romántico)*, Sevilla, Editorial Renacimiento (serie facsímiles), 2003, pp. IX-XXXI.

⁽⁵⁸⁾Podemos encontrar no já mencionado artigo de Noemí Pérez Pérez várias referências à atracção e à paixão de Carolina Coronado por Lisboa, que parecem antecipar as de outros ilustres visitantes espanhóis: "¡Qué rica, qué vistosa, qué opulenta ciudad!"; "Roma era el mundo y Lisboa era la última roca del mundo; pero qué hermosa roca! Hay un no sé qué de fatal y vertiginoso en lo atractivo que la belleza que este cabo del continente, plantado sobre abismos de lava

"¡Por fin, llegamos a Barreiro! Es por la mañana. Un vapor nos lleva a Lisboa, cruzando el Tajo, que no tiene la menor ondulación ¡oh, maravilla de las maravillas!

Ninguna ciudad del mundo podrá tener otra entrada más triunfal.

¡Lisboa! El oro del sol de la mañana dora las cúpulas de las iglesias y los tejados de las casas.

Las palmeras rampan por encima de calles como por jardines colgantes gigantescos.

Cuando entramos, tendida sobre los blandos almohadones de sus siete colinas, hay en nosotros un romántico recuerdo para Espronceda"⁽⁵⁹⁾ 60.

Os sonhos iberistas estão presentes ("¡Qué gran nación seríamos si pudiésemos unimos los lusitanos y los españoles en una iberia magnífica, dueña del Atlántico y del Mediterráneo!⁽⁶⁰⁾), mas este iberismo novecentista tem muito pouco em comum com o do século anterior, pois está ausente dele qualquer perspectiva anexionista⁽⁶¹⁾. Como quase todos os viajantes espanhóis que antes referimos, Buendía também se apercebe da hostilidade e da ignorância da opinião pública portuguesa face aos espanhóis. Neste caso, o autor e um amigo tentam rebater, inutilmente (pois todos os portugueses que assistiram à discussão se mantiveram do princípio ao fim ao lado do opositor), a opinião de um visconde português que afirmava que "España odiaba a Portugal"⁽⁶²⁾: "Ese peligro español, ese *perigo espanhol* de que vuestros periódicos hablan, no existe más que en vuestras fantasías. Nadie piensa en Portugal al otro lado de la frontera. Solamente algún que otro literato romántico sueña con el ideal ibérico como con una utopía bellísima que nunca llegará a ser realidad.. ." ⁽⁶³⁾.

encendida, ejerce sobre las diferentes razas que han venido a poblarlo" (in Noemí Pérez Pérez, *oh. cit.*, p. 268).

⁽⁵⁹⁾Rogelio Buendía, *oh. cit.*, pp. 31-32.

⁽⁶⁰⁾*Ibidem*, p. 50.

⁽⁶¹⁾"y hasta soñamos con la capitalidad de esta gran confederación. Lisboa, por su situación atlántica, por su preciosa posición topográfica, por su belleza única, sería la capital de Iberia, de una Iberia grande, inexpugnable, adonde todo el genio peninsular brillaría como un faro que irradiase una luz de sol inextinguible" (*ibidem*, p. 51).

⁽⁶²⁾*Ibidem*.

⁽⁶³⁾*Ibidem*, p. 52.

Não é menos interessante conhecer a visão de Portugal de Ernesto Giménez Caballero, agora já em plena época franquista. Enquanto fundador e director da importantíssima revista vanguardista *La Gaceta Literaria*, em que colaboraram muitos dos grandes nomes da chamada "Geração de 27", Giménez Caballero estivera no centro de um grande equívoco com a revista coimbrã *Presença*. Na realidade, *La Gaceta Literaria* prestara desde o seu início uma grande atenção à literatura portuguesa, chegando a criar um suplemento especial para a nossa literatura (*La Gaceta Portuguesa*, tal como também existia uma *Gaceta Catalana* e outra *Americana*). O problema é que tal simpatia fazia parte de uma estratégia de *aggiornamento* cultural das nações e territórios pertencentes ao "Meridiano intelectual da Madrid"⁽⁶⁴⁾, que é justamente a expressão cunhada por Giménez Caballero.

Depois de uma polémica com a *Presença*, que se sentiu obrigada a vir a terreiro defender a independência da cultura portuguesa, a *Gaceta* deixaria de publicar-se em 1932, na sequência da proclamação da Segunda República espanhola, devido ao reaccionarismo do seu fundador, que havia começado a divulgar as conquistas do Fascismo mussoliniano a partir de uma viagem que realizou a Itália, em 1928, e viria a ser, em 1933, um dos fundadores da Falange espanhola.

Depois da guerra civil, que viveu evidentemente do lado dos militares rebeldes, viria a Portugal na comitiva do Generalíssimo Franco, na visita em que o ditador galego seria agraciado com um (agora polémico) doutoramento *Honoris Causa*. As ideias de Giménez Caballero sobre a reunificação peninsular não tinham mudado, ainda que agora as tente dissimular, através do pomposo título de *Amor a Portugal*, pois é esse o nome que dá ao livro publicado na sequência da viagem. Tão parecidos são os portugueses e os espanhóis que as suas personalidades até se confundem. É pelo menos essa a perspectiva de Giménez Caballero, quando descreve o encontro, à chegada de Franco a Lisboa, entre os dois ditadores ibéricos: "Mientras Salazar y Franco se abrazaban yo disparaba otra cuestión: '¿Quién es quién?' ¿Cuál el Portugués y cuál el Español? Por sus rasgos enérgicos y su apellido vasco, el español parecía Salazar. Por la suave y lírica bondad de rostro y su apellido portuguesísimo, parecía Franco el lusitano. (El mejor escultor del presente Portugal se

⁽⁶⁴⁾Vide Antonio Apolinário Lourenço, "A *Presença* e o 'Modernismo' espanhol: breve historia de um grande equívoco", in *Estudos de literatura comparada luso-espanhola*, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, 2005, pp. 123-138.

llama Francisco Franco, y Juan Franco se llamó un Caudillo precursor del gran Portugal)'⁽⁶⁵⁾.

O texto tem, como vemos, urna dupla leitura e urna dupla finalidade. Contém uma visão extremamente lisonjeira do português, mas atribui em concreto as qualidades próprias dos portugueses ao ditador espanhol. Aqui temos, portanto, uma nova versão do português "derretido", sentimental, só que desta vez o português é um espanhol (e que espanhol!). As linhas seguintes podem ser desaconselháveis a pessoas particularmente sensíveis. Enquanto Salazar aparecia ao autor como um homem decidido e de olhar fulgurante, que "debe divertirse enormemente en su soledad de Mando", parecia-lhe que a Franco o poder o ia progressivamente "santificando": "Cada vez tiene mayores rasgos de bondad, de dulzura y hasta de perdón. No sólo se le han ido plateando sus sienes. También su alma"^{65 (66)}. Na hora do doutoramento em Coimbra, tudo fazia ainda mais sentido. Era o sonho de Antonio Sardinha, o autor integralista de *A aliança peninsular*, tornado realidade:

"Haciendo posible que un nuevo Caudillo español fuese aclamado por Juventudes universitarias, por profesores, por todo el pueblo portugués. Con músicas y campanas. Había sucedido que, desde siglos, podía otra vez un español 'tener Razón en Coimbra'. Sin distinción alguno. En forma simbólica de Capelo o doctoral birrete. Jamás he visto a Franco más emocionado, más estremecido que en este momento histórico. Consciente de su responsabilidad. Más que un Doctor parecía un místico"⁽⁶⁷⁾.

Vejamos ainda os casos de dois dos autores fundamentais do Modernismo espanhol, que fizeram referências a Portugal bem menos simpáticas do que aquelas que têm merecido a nossa atenção, e que reflectem ainda os antigos preconceitos sobre a personalidade psicológica do português.

Um deles é Ramón del Valle-Inclán, que, no entanto, nos é apresentado por César Antonio Molina como (ao lado Clarín e de Emilia Pardo Bazán) "uno de los baluartes lusófilos en España"⁽⁶⁸⁾. Para justificar o epíteto,

⁽⁶⁵⁾Ernesto Giménez Caballero, *ob. cit.*, p. 16.

⁽⁶⁶⁾*Ibidem*, p. 17.

⁽⁶⁷⁾*Ibidem* pp. 40-41.

⁽⁶⁸⁾César Antonio Molina, *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*, Madrid, Akal, 1990, p. 19.

transcreve César Antonio Molina alguns excertos de entrevista do autor de *Luces de Bohemia* em que este se revela adepto de um federalismo ibérico. Contudo, a leitura da obra valle-inclanesca não confirma essa sua lusofília, limitando-se praticamente, na sua obra dramática cuja acção se situa na Galiza, a alusões a peças de vestuário ou roupa de cama de origem portuguesa (há ainda, num conto pertencente à primeira época, referências a um exílio português de Juan Manuel Montenegro⁽⁶⁹⁾). A verdade é que as duas referências mais significativas se confundem com os estereótipos que já conhecemos sobre a imagem dos portugueses em Espanha: em *Divinas palabras* (1919), o cão sábio chama-se Coimbra⁽⁷⁰⁾; em *Luces de bohemia* (1920), o amante da jovem vendedora de lotaria Enriqueta la Pisa Bien, também conhecida por Marquesa del Tango tem a alcunha de "Rey de Portugal", cuja origem ele mesmo explica: "¿Consideren ustedes que me llama Rey de Portugal, para significar que no valgo un chavo! Argumentos de esta golfa desde que fue a Lisboa, y se ha enterado del valor de la moneda. Yo, para servir a ustedes, soy Gorito, y no está medio bien que mi morgánica me señale por el alias"⁽⁷¹⁾.

E, portanto, muito pouco quantitativamente e muito duvidoso qualitativamente, para que se possa classificar de lusitanista o extraordinário autor das *Sonatas*.

⁽⁶⁹⁾Refiro-me ao conto "Rosarito", integrado no livro *Femeninas* (1894). O conto seria republicado, com alterações meramente pontuais, em *Jardín umbrío* (1903), mas aí o fidalgo chama-se Miguel de Montenegro, uma vez que D. Juan Manuel Montenegro tinha adquirido um perfil diferente como personagem da *Sonata de Otoño*.

cão sábio, que é afinal uma cadela, consegue prever o futuro, levantando uma das suas patas para responder sim ou não. O nome não é inocente, como o comprova o facto de, no já referido conto "Rosarito", D. Juan Manuel afirmar que apenas voltara à Galiza "para traer socorros a la huérfana de un pobre emigrado, a quien asesinaron los estudiantes de Coimbra" (Ramón del Valle-Inclán, "Rosarito", in *Obra completa*, tomo 1,3.ª ed., Madrid, Espasa Calpe, 2002, p. 85). Não esqueçamos que, naquele momento, a Universidade de Coimbra era a única que existia em Portugal.

⁽⁷¹⁾ Ramón del Valle-Inclán, *Luces de Bohemia*, in *Obra completa*, tomo II, 3.ª ed., Madrid, Espasa Calpe, 2002, p. 889. O escasso valor do escudo português, agravado pelo facto de a população continuar a ter como referencia constante o real (correspondendo um escudo a mil réis), foi também comentado humoristicamente (mas sem estas conotações negativas) pelo autor de *Pombo* (cf. Ramón Gómez de la Serna, *ob. cit.*, pp. 363-364).

O outro autor é o poeta Juan Ramón Jiménez, prémio Nobel da Literatura em 1956. Trata-se, neste caso, de uma simples passagem de uma longa entrevista entre Juan Ramón e Ricardo Gullón, em que o poeta classifica Unamuno e Antonio Machado, seus companheiros geracionais, como poetas hispano-portugueses⁽⁷²⁾. Vejamos a imagem de Portugal que tinha na sua mente Juan Ramón Jiménez, quando assinalava esta *filiação portuguesa de Unamuno e Machado*, e, sobretudo quando revelava em que consistia o lusitanismo de Antonio Machado: "En Machado hay algo de callejón sin salida, algo como de un borracho que habla de metafísica, y a mí eso me parece muy portugués"⁽⁷³⁾.

De qualquer modo, ao longo do século XX, Portugal não deixa nunca de ser visto como país irmão, ainda que seja olhado, à medida que a economia espanhola se destaca da portuguesa, com aquela sobrançeria com que, dentro de uma família, se olha para um parente mais pobre. O sentimento geral dos espanhóis face aos portugueses continuava, assim, a ser o de uma fraternidade iberista ou hispânica, que, regra geral, não existe deste lado da fronteira, uma vez que a lógica política que conduziu à própria ideia de Espanha é completamente antagónica com aquela que suporta a independência separada de Portugal.

É essa sobrançeria espanhola, acompanhada das premissas de fraternidade, que suporta o seguinte texto de Camilo José Cela, inicialmente publicado em *Mundo*, recentemente resgatado do olvido e datado de um ano próximo do fim das duas persistentes ditaduras peninsulares (Setembro de 1971):

"Por Galicia me encuentro con dos clases de portugueses, quizá no haya más en aquel país al que tengo tan cerca de mi corazón: los turistas que van por la carretera como locos, a bordo de un automóvil lujoso, y los parias que viven de mangar gallinas, pedir limosnas y trabajar por salarios que no alcanzan el mínimo establecido por la ley. No es signo de buena salud social la depauperación de la clase media y la subsiguiente floración de ricos y pobres. Sé bien que nadie escarmienta en cabeza ajena; no obstante, pienso que no estaría de más que alguien se ocupara de sacar mínimas consecuencias de los mínimos aconteceres.

^ In Ricardo Gullón, *Conversaciones con Juan Ramón*, Madrid, Taurus, 1958, pp. 91-92.

^ In *ibidem*, p. 92.

La más desconsiderada e impolítica farsa de los políticos es querer hallar soluciones para mil años cuando nadie sabe cómo se ha de salir a flote en los próximos quince días"⁽⁷⁴⁾.

Também dos anos 70 é o texto de Femando Díaz-Plaja, que transcrevo a seguir. Faz parte do livro *Otra Historia de España*, publicado em 1976, mas é óbvio que ainda não tem em conta a nova situação criada pela *revolución* portuguesa. Mas oferece, sobretudo, a grande vantagem de olhar para os dois lados do espelho (mais propriamente para o que pensam os espanhóis daquilo que os portugueses pensam dos espanhóis?):

"La hostilidad del portugués hacia el español se ha mantenido hasta hoy día, tan lejano de la independencia. **España sigue siendo Castilla**⁽⁷⁵⁾, el vecino grande que amenaza devorar al pequeño Portugal. La servidumbre de paso, esa obligación en que la geografía ha colocado a Portugal, de tener que pasar necesariamente por España para entrar en Europa, no facilita las relaciones. En sus libros de historia la batalla, de Aljubarrota está descrita con entusiasmo sin límites. '¡Los castellanos corrían como conejos!', se dice en uno, que cayó en mis manos.

Es un recelo, hasta cierto punto natural, al que los españoles corresponden con una asombrosa indiferencia. El español no odia al portugués. Es que lo ignora. La literatura de ambos países está llena de referencias a la petulancia del otro, pero, mientras en el caso portugués se recela continuamente de la apetencia de España por esa tierra, aquí - aparte de algunos anarquistas, y republicanos federales -, no se piensa siquiera en ella"⁽⁷⁶⁾.

Nos anos mais recentes, as mudanças ocorridas na Europa e no mundo implicaram também alterações significativas nas relações entre os dois países ibéricos. O primeiro sinal de mudança foi proporcionado pela eclosão em Portugal da "Revolución de los Claveles". Portugal constituiu-se, como não acontecia há séculos, num modelo para o país vizinho, ainda imerso na ditadura franquista. Quando os dois

^Camilo José Cela, *Retorno a Iria Flavia. Obra dispersa y olvidada, 1940-2001*, Santiago de Compostela, Alvarellos, 2006, p. 122.

⁽⁷⁵⁾ Negrito meu.

^Femando Díaz-Plaja, *Otra historia de España*, Barcelona, Plaza & Janés, 1976, pp. 270-271.

países passaram a viver em liberdade, pôde assistir-se a uma inédita intensificação das relações comerciais e turísticas, permitindo que cada povo pudesse ver na prática como vivia e como pensava o irmão do outro lado da fronteira. A descentralização autonómica espanhola foi realizada desta vez sem que ninguém pensasse no elo hipoteticamente ausente.

Finalmente, a entrada dos dois países peninsulares para a Comunidade Europeia resultou numa mudança de paradigma económico e político-administrativo que tornou obsoletas as antigas utopias iberistas. Por isso mesmo, as recentes sondagens do *Expresso*, que revelavam que um elevado número de portugueses não se importavam de ser espanhóis (porque nesta era da globalização e da mercantilização das ideologias também o nacionalismo está em quebra), ou as declarações de Saramago sobre a sua vontade de ver Portugal constituir-se numa província ou numa autonomia dentro de uma Ibéria reunificada foram recebidas sem grande sobressalto em Portugal, com algum incómodo pelas autoridades espanholas e com ironia pela opinião pública do país vizinho (que considera o terrorismo separatista o maior dos problemas de Espanha). Nos inquéritos promovidos na Internet por jornais espanhóis, havia quem, humoristicamente, manifestasse o desejo de aceitar Portugal, se o benefício directo fosse a separação da Catalunha e do País Basco. As opiniões favoráveis mais "sérias" vinham dos leitores que viam na integração de Portugal a única hipótese espanhola de triunfo no Campeonato do Mundo de Futebol, um dos últimos redutos do antigo nacionalismo, como sabemos.

Bibliografia

- ALAS "CLARÍN", Leopoldo - "Paliqne", in *Obras completas*, voi. VII, *Artículos (1882-1890.)*, Oviedo, Ediciones Nobel, 2004, pp. 1115-1117.
- ALAS "CLARÍN", Leopoldo - *La Regenta*, Madrid, Akal, 1999. Edição de Víctor Fuentes.
- ANÓNIMO - "A questão com a Espanha", in *Correspondência de Coimbra*, 22-06-1888.
- ASENSIO, Eugênio - "Los 'Lusíadas' y las 'Rimas' de Camões en la poesia española (1580-1640)", in Asensio, Eugenio e Martins, José V. de Pina, *Luis de Camões*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian-Centro Cultural Português, 1982

- BUENDÍA, Rogelio - *Lusitania (viaje por un país romántico)*, Sevilla, Editorial Renacimiento (serie facsímiles), 2003. Prólogo de Eloy Navarro.
- CATROGA, Fernando - "Nacionalismo e ecumenismo. A Questão Ibérica na segunda metade do século XIX", *Cultura. Historia e Filosofia*, vol. IV, 1985, pp. 419-463.
- CELA, Camilo José - *Retorno a Iria Flavia. Obra dispersa y olvidada, 1940-2001*, Santiago de Compostela, Alvarellos, 2006. Edição de Olivia Rodríguez González.
- CERVANTES, Miguel de - "La tía fingida", in *Obras completas*, vol. I, Madrid, Aguilar, 2003, pp. 887-897.
- CORREAS, Gonzalo - *Vocabulario de refranes y frases proverbiales (1627)*, Madrid, Castalia, 2000. Edição de Louis Combet, revista por Robert Jammes e Malte Mir-Andreu.
- DÍAZ-PLAJA, Fernando - *Otra historia de España*, Barcelona, Plaza & Janés, 1976.
- Epistolario de Valera y Menéndez Pelayo (1877-1905)*, Madrid, Espasa-Calpe, 1946.
- FEIJOO, Benito Jerónimo - *Teatro crítico universal*, tomo VI (*nueva impresión, en la cual van puestas las adiciones del Suplemento en sus lugares*), Madrid, Real Compañía de Impresores y Libreros, 1778.
- GIMÉNEZ CABALLERO, Ernesto - *Amor a Portugal*, Madrid, Ediciones Cultura Hispánica, 1949.
- GÓMEZ DE LA SERNA, Ramón - *Pombo*, Madrid, Comunidad de Madrid, Consejería de Educación-Visor Libros, 1999.
- GULLÓN, Ricardo - *Conversaciones con Juan Ramón*, Madrid, Taurus, 1958.
- HERRERO FIGUEROA, Araceli - *Estudios sobre Emilia Pardo Bazán e recompilación de dispersos*, Lugo, Diputación Provincial de Lugo. Servicio de Publicaciones, 2004
- LOPE DE VEGA - *El duque de Viseo*, Madrid, Alianza, 1966. Edição de Francisco Ruiz Ramón.
- LOURENÇO, Antonio Apolinário - "A Presença e o 'Modernismo' espanhol: breve historia de um grande equívoco", in *Estudos de literatura comparada luso-espanhola*, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, 2005, pp. 123-138.
- MAGALHÃES, Gabriel - "Visita guiada à casa ibérica (1801-1900)", in *RELIPES. Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início do século XIX até à actualidade*, Covilhã-Salamanca, UBI-Celya, 2007, pp. 47-124.
- MELO, D. Francisco Manuel de - *O fidalgo aprendiz*, 4.ª ed., Lisboa, Clássica Editora, s. d. Edição de Antonio Corrêa de A. Oliveira.
- MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino - *Epistolario*, vol. Vili, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1985.

- MOLINA, César Antonio - *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*, Madrid, Akal, 1990.
- MORATÍN, Nicolás Fernández de - *Obras de D. Nicolas y D. Leandro Fernández de Moratín*, 2.^a ed., Madrid, M. Rivaneyra, 1848.
- PARDO BAZÁN, Emilia - "Vecinos que no se tratan", in *La Ilustración Ibérica*, II, 1884, p. 522-523.
- PEREIRA, Maria da Conceição Meireles - "Sinibaldo de Más: A difusão da Ibéria em Portugal e do Iberismo no Oriente", in *II Encontro Internacional Relações Portugal-Espanha: uma História Paralela, um Destino Comum?*, Porto, CEPES, 2002, pp. 213-230.
- PÉREZ PÉREZ, Noemi - "La concepción de Portugal en la obra de Carolina Coronado", in Gabriel Magalhães (ed.), *Actas do Congresso Relípes III. Universidade da Beira Interior, 18 a 20 de Abril de 2007*, Covilhã-Salamanca, UBI-Celya, 2007, pp. 261-278.
- QUEVEDO, Francisco de - *Sueños y discursos*, Madrid, Castalia, 1973. Edição de Felipe C. R. Maldonado.
- QUEVEDO, Francisco de - *El Buscón*, 8.^a ed., Madrid, Cátedra, 1987. Edição de Domingo Ynduráin.
- QUEVEDO, Francisco de - *La vida del Buscón*, Barcelona, Crítica, 1993. Edição de Fernando Cabo Aseguinolaza.
- SÁEZ DELGADO, Antonio - *Órficos y ultraístas. Portugal y España en el diálogo de las primeras vanguardias literarias (1915-1925)*, Mérida, Editora Regional de Extremadura, 1999.
- SÁEZ DELGADO, Antonio - "La edad del Oro, la época de la Plata y el esplendor del Bronce (1901-1935)", in *RELIPES. Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início do século XIX até à actualidade*, Covilhã-Salamanca, UBI-Celya, 2007, pp. 125-170.
- UNAMUNO, Miguel de - *Por terras de Portugal e da Espanha*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1989. Tradução de José Bento.
- VALERA, Juan - *Obras completas*, vol. III, 3.^a ed., Madrid, Aguilar, 1958.
- VALERA, Juan (1968) - *Cuentos y chascarrillos andaluces*, in *Obras completas*, tomo 1,5.^a ed., pp. 1209-1239.
- VALERA, Juan - *Obras completas*, vol. II, 3.^a ed., Madrid, Aguilar, 1961.
- VALLE-INCLÁN, Ramón del - *Obra completa*, 2 vols., 3.^a ed., Madrid, Espasa Calpe, 2002.